



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ETNOGRAFIA E EDUCAÇÃO: USOS E CONTRIBUIÇÕES

Fernanda Cristina Agra Borborema

Prefeitura Municipal de Campina Grande -fernandaborborema@hotmail.com

Resumo

Durante muitos anos, acreditava-se que a entrada da criança no mundo da leitura, iniciava-se apenas pelo desenvolvimento das habilidades de decodificação das palavras. Apesar de este ser um conhecimento necessário, a prática da leitura não se reduz ao desenvolvimento dessa habilidade. Este trabalho tem como tema principal, refletir sobre as contribuições das pesquisas qualitativas etnográficas para a área da educação, tendo em vista que, após a reflexão docente de suas práticas, a ampliação das concepções de leitura e linguagem, o planejamento e execução de ações de práticas que promovam práticas significativas. Utilizaremos para resultados da pesquisa uma metodologia exploratória e qualitativa, com abordagem etnográfica. Acreditamos que os estudos da etnografia para o campo da educação, auxiliam significativamente para solução do problema pesquisado, através da descrição densa e detalhada da prática de leitura, das técnicas utilizadas e o trabalho investigativo e interpretativo do pesquisador no campo, possibilitem a compreensão do cotidiano escolar, a identificação dos sujeitos reais, seus discursos, suas complexas interações e o modo como produzem conhecimento. Desse modo, acreditamos que os estudos etnográficos e seus usos na educação, podem contribuir significativamente para apontar reflexões sobre a prática de leitura em sala de aula que, sendo revista, promova um movimento significativo, considerando a necessidade do desenvolvimento da competência leitora dos alunos, tendo em vista a sua formação como sujeito leitor.

Palavras –chave: Pesquisa, Prática docente, Contribuições da Etnografia.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Introdução

Inúmeras pesquisas já foram realizadas no âmbito educacional, porém nem sempre seus resultados contribuem para mudanças efetivas nas práticas cotidianas nas salas de aula de escolas brasileiras. Muitas vezes, nos parece que esses estudos teóricos são realizados com o objetivo apenas de conclusão das monografias, dissertações, teses e publicações de artigos. Acreditamos que esses fatos favorecem as dificuldades que muitos pesquisadores apresentam atualmente para encontrar um campo que possam realizar suas pesquisas, tendo em vista que muitos educadores não aceitam serem apenas objetos de críticas e principalmente, porque muitas dessas “descobertas” não contribuem para a qualidade das práticas educativas que foram, na maioria das vezes, alvos de críticas das pesquisas.

Nesse sentido, o estudo da prática escolar não pode se restringir a um mero retrato do que se passa no seu cotidiano, mas deve envolver um processo de reconstrução dessa prática, desvelando suas múltiplas dimensões, refazendo seu movimento, apontando suas contradições, recuperando a força viva que nela está presente. [...]A definição do objeto de estudo é sempre feita por causa de um alvo que se busca e de um interesse específico por conhecer o que implica uma escolha teórica que pode e deve ser explicada ao longo do estudo. (André, 2008, pág, 42)

Historicamente, a população brasileira é conhecida por não valorizar a prática da leitura, por ser um povo que não gosta de ler, não tem aptidão para leitura, principalmente quando se refere às classes menos favorecidas, socialmente e economicamente, já que não têm acesso ao mundo letrado. Essa ideologia de separação das pessoas, em capazes e não- capazes, é perversa e desumana e não faz nenhum sentido, principalmente, porque todos nós estamos inseridos dentro de uma mesma sociedade letrada, isto implica dizer que, as práticas de leituras são constantes e em diversos contextos. Obviamente, que se faz necessário reconsiderar as dificuldades entre as crianças que nascem e crescem em seios familiares onde o contato com o material impresso é constante, tornando acessível à criança, desde seus primeiros anos, o estímulo à leitura com atividades diversas, daqueles que cujo contexto familiar é contrário a este. Para estes, geralmente muitos educadores não proporcionam práticas educativas voltadas para a apropriação da leitura de forma autônoma e participativa.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A escola pretende unificar os comportamentos, homogeneizar, como se todos os brasileiros fossem oriundos de uma única cultura, a europeia, o que configura uma contradição, ao pensarmos na forma que fomos colonizados. Nós somos fruto de diversas culturas, um país miscigenado e que dificilmente atenderemos em sua pluralidade, um único modelo de educação, aquela que tem como base o da cultura científica. Segundo Silva e Senna (2010) o fracasso escolar ocorre justamente com o sujeito pobre, aquele que não atende essas perspectivas da escola, já que esse sujeito é aquele que se apropria da leitura e da escrita tardiamente. Essas pessoas se preocupam inicialmente com a sua sobrevivência, com o seu trabalho, para que consiga atender suas necessidades básicas e da sua família, a leitura e a escrita são atividades pouco valorizadas e muitas vezes esquecidas nos seus contextos sociais.

Essa visão da escola como espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação criam e recriam valores e significativos vai exigir o rompimento com uma visão de cotidiano estática, repetitiva, disforme, para considerá-lo, como diria Giroux (1986), um terreno cultural, contestação e resistência | caracterizado por vários graus de acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes. (André, 2008, pág. 41)

Os estudos etnográficos se aproximam dos estudos que envolvem os processos educativos pelo fato de ambos trabalharem com o conhecimento individual, respeitando a identidade de cada sujeito social, ou seja, a singularidade de cada indivíduo, instituições, grupos ou programas. A etnografia busca conhecer os fatos em profundidade, de maneira densa, a fim de compreendê-lo enquanto unidade no contexto de suas inter-relações, possuindo assim, amplo interesse na descrição da cultura de um grupo social, enquanto que a preocupação dos estudiosos da educação é com o processo educativo pelo qual passa esse grupo.

Faz-se necessário destacar que para considerarmos as contribuições dos estudos etnográficos para a educação, um dos princípios a serem preenchidos é a da relativização, onde o estranho se transforma no familiar e o familiar no estranho. Durante a coleta de dados a contribuição da pesquisa etnográfica teve relevância para essa pesquisa, tendo em vista, que a pesquisadora é professora da unidade de ensino exigindo assim um estranhamento do cotidiano escolar. Para Matta apud André (2005), o estranho familiar, tem origem em teorias, onde a observação participante possibilita a aproximação e o afastamento tático do pesquisador para refletir e analisar a situação.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Isso vai exigir do pesquisador, o que os antropólogos chamam de estranhamento, um esforço deliberado de distanciamento da situação investigada para tentar apreender os modos de pensar, sentir, agir, os valores, as crenças, os costumes, as práticas e produções culturais dos sujeitos ou grupos estudados. (André, 2005, pág.26)

Desse modo, acreditamos que as pesquisas etnográficas podem contribuir para os problemas que envolvem o fracasso escolar, especificamente aqui, relacionados com as dificuldades na leitura, por compreender que seu uso na educação está em compreender a realidade escolar para agir sobre ela, modificando-a. Está em revelar complexa rede de interações que constitui a experiência escolar diária, mostrando, por exemplo, como se estrutura o processo de produção de conhecimento em sala de aula, buscando a inter-relação das dimensões cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica, mediante uma dinâmica relação do pesquisador com a realidade social pesquisada. Conforme Mattos & Castro (2011), a etnografia crítica de sala de aula e a colaboração entre o pesquisador e o professor é uma condição indispensável para o avanço na pesquisa educacional.

Para compreendermos as práticas docentes, relacionadas ao ensino da língua materna, especificamente aqui analisada, em torno das ações metodológicas que envolvem a leitura, é importante percebermos a forma como o professor concebe a linguagem e a língua, já que essa percepção implicará diretamente na sua proposta de trabalho. Através dos pressupostos teóricos de Travaglia (2009) e Bezerra (2001). Desse modo, vislumbramos nesse artigo, as contribuições das pesquisas etnográficas, sendo um campo precioso para a identificação desses sujeitos sociais através dos registros, da observação participante, da descrição densa dos acontecimentos ocorridos em uma sala de aula, suas tensões e conflitos, reações e interações.

O ensino e a promoção da leitura, compreendida como algo mais que alfabetização, tem mobilizado atenção e esforços de diversas forças sociais. Entre educadores, agentes sociais, lideranças políticas. Assume-se francamente que a capacidade de ler e a prática de leitura teriam implicações importantes na participação social dos indivíduos, contribuindo decisivamente para sua maior produtividade, intervenção política e social, organização da vida prática, etc. (BRITTO apud SOUZA (2009.p. 187).

Nesse sentido, nada mais instigante para um educador, comprometido com a qualidade da educação, do que analisar a prática de leitura em contextos reais de ensino e aprendizagem da língua materna. Investigar nessa área pode evidenciar problemas que favoreçam reflexões, na busca de re-construir uma prática pedagógica que promova a reversão desse quadro, sempre se



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

fundamentando em teorias que adentrem nessa problemática. Ao ensinar a ler, mais do que alfabetizar, o professor ensina dentre outras coisas a estabelecer relações entre texto e contexto, entre palavra e mundo (FREIRE, apud SILVA, 2010, p. 37).

Os estudos dos etnógrafos Malinowski (1922) e Geertz (1989), evidenciam que é preciso estudar a sociedade na sua totalidade, analisando diversos aspectos alguns como: suas relações sociais e culturais, saberes, mitos, comportamentos. Desse modo, segundo eles, só conseguiremos obter respostas de um problema a ser investigado, através da prática da observação participante. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, busca a inserção no contexto natural para acessar as experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado.

No entanto, se faz necessário esclarecer que para fazer pesquisas que atendam as características de uma abordagem etnográfica é fundamental que o pesquisador compreenda que não basta apenas observar, mas interpretar suas culturas, buscando a entendimento dos significados das ações e dos comportamentos dos sujeitos envolvidos na pesquisa, que vivem e se relaciona nesse ambiente.

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos o termo tem dois sentidos. Um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social e um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (André, 2008, pág. 27)

No campo da Educação, podemos caracterizar uma pesquisa de ordem etnográfica, através do uso de algumas técnicas, sendo a observação participante como técnica principal e o diário de campo, como técnica auxiliar, onde a partir de uma descrição densa e detalhada dos fatos ocorridos, possa favorecer também a compreensão do problema investigado. É possível também utilizar entrevistas e análise dos documentos. Podemos evidenciar outra característica, é a figura do pesquisador, tendo em vista que ele é o instrumento principal na coleta de dados.

Conforme André (2008), podemos descrever outras características das pesquisas do tipo etnográficas, onde a ênfase das pesquisas está no processo e não nos resultados finais, a apreensão dos significados que as pessoas atribuem a si mesma. Outra característica é o trabalho ser



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

desenvolvido no campo, oportunizando a observação e registro das situações reais, em sua origem natural, esse trabalho no campo pode variar entre meses ou até anos, dependendo das especificidades de cada pesquisa. A descrição e indução é outra característica dessa pesquisa, ela ainda busca a compreensão de teorias e abstrações e hipóteses indo além de testar teorias. Segundo André, “esse tipo de pesquisa visa à descoberta de novos conceitos, novas relações e formas de entendimento da realidade”.

Metodologia

Caracterizamos nossa pesquisa como qualitativa, trabalhando os dados numa perspectiva etnográfica, com observação intensiva, participativa e interpretativa dos eventos ocorridos no lócus da pesquisa e na análise das informações e ações apresentadas pelos sujeitos da pesquisa. Para Mattos & Castro (2011), o objetivo da Etnografia é observar os modos como as pessoas conduzem sua vida com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação.

A pesquisa é de natureza qualitativa, pois nosso foco é a compreensão e interpretação dos significados apresentados e construídos pelos sujeitos da pesquisa e a análise das ações/interrelações vivenciadas durante o processo de coleta e análise dos dados.

A pesquisa foi desenvolvida com uma professora do 2º ano do ensino fundamental. Ela possui licenciatura em Pedagogia e Curso de Especialização em Formação do Educador (UEPB), há mais de quinze anos. Todos os anos faz queixas sobre sua turma, tanto no início quanto no final do ano, relatando que seus alunos não leem, não demonstram interesse pela leitura, sendo esse um dos motivos para sua escolha, como colaboradora da nossa pesquisa. Sua turma é composta por onze alunos, de uma escola municipal, na cidade de Campina Grande–PB.

Pretendemos utilizar como instrumentos para análise os seguintes dados, a observação participante de cunho etnográfico, de cinco aulas planejadas pela professora, objetivando a formação do leitor. Coletamos dados através da observação e descrição da sua prática de leitura, seu planejamento, orientação e suas respectivas propostas de atividades.

Resultados e Discussão



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Solicitamos à professora do 2º ano a preparação de aulas, que ela considerasse significativas para o desenvolvimento da competência leitora dos alunos. Apresentamos um recorte de algumas atividades para análise. Duas aulas foram planejadas e desenvolvidas utilizando os livros: *A centopeia que pensava*, do autor Herbert de Souza Betinho (1999) e *O rabo do gato* dos autores: Mary França e Eliardo França. Antes de realizar a leitura, a professora entregou o livro a uma aluna e procurou socializar: “É para você ir passando e olhando os desenhos, as figuras, depois você vai passando o livro para outros colegas. Não é para ler... é para ver os desenhos”. Esse modo de apresentar a leitura demonstra o que significa ler e ensinar a leitura para a professora, não valorizando, assim, o letramento literário como uma ação reflexiva, produtiva e que contribua para a formação dos leitores. Zilberman (2005, p.83) afirma que “a sua apropriação depende da intermediação da escola, que emprega recursos metodológicos para obter a aprendizagem desejada”.

Durante a leitura das histórias, a professora não oportunizou a participação, interação dos alunos com os textos, sendo estes, expectadores passivos, eles mesmos respondiam seus questionamentos. “O que estão vendo aqui? O gato e o sapo. O que o sapo viu? O rabo do gato (...)”. Concordamos com Aguiar (2003) quando afirma que a literatura deve voltar-se para o papel do leitor, pois é através deles que os textos adquirem sentidos. Por seu turno, analisar o processo de leitura significa investigar as condições intrínsecas e extrínsecas, tendo como foco o sujeito enquanto *persona* individual e social.

Destacamos um fator relevante para a repetição dessas práticas que utiliza apenas o método analítico- sintético no ensino da leitura. Sabemos que muitos professores organizam suas práticas levando em conta apenas a forma como aprenderam, onde a leitura é vista de forma a favorecer apenas a aprendizagem da escrita, o que implica diretamente na qualidade da competência leitora dos discentes. É preciso ampliar suas concepções de leitura, instrumentalizando o professor, através do conhecimento pertinente as suas dificuldades, onde ele possa aliar de forma efetiva as teorias à sua prática. Acreditamos que uma das formas de minimizar esses problemas seria a qualidade dos cursos de formação continuada dos professores, pois muitas vezes, quando ocorrem essas formações



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

no âmbito escolar ou oferecido pelos órgãos municipais responsáveis, não correspondem às reais dificuldades dos docentes, principalmente no que se refere ao ensino da leitura

A professora planejou outra proposta para o ensino da leitura, composta por fichas com frases e palavras para a realização da leitura.

Fafá é fofa.

Fábio deu o fio a foca.

A foca babou no fio.

O fio ficou babado.

Papai- copo- pipa- piano

Pipoca- pão- pena- paulada

Pomada- pia- cipó- panela

Mapa- pino- peludo pau

Consideramos que essa proposta fundamenta-se na concepção de língua como um sistema estático e homogêneo, desconsiderando o significado do texto para cada leitor e a sua relevância para o seu contexto social. Para os PCN (1997), um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circula socialmente. Para a professora, ler é apenas decodificar, copiar, dominar as convenções gráficas entre fonemas e grafemas, desenvolver a fluência na leitura. Todas essas ações referenciam novamente a concepção de leitura tradicional, ascendente e mecanicista.

Em uma sala de aula, nos deparamos com rotinas e interações complexas, com sujeitos de contextos social, histórico, ideológico diversificados, onde o saber sistematizado do docente, muitas vezes, está estigmatizado em concepções teóricas e metodológicas que não atendem as reais necessidades do seu aluno, ou seja, cada aluno possui uma forma individualizada de produzir conhecimento. No relato das aulas de leitura aqui apresentados, constatamos que as concepções de leitura do docente, implicam diretamente na formação de leitores que se deseja obter. Ao nos apropriarmos da pesquisa etnográfica, podemos perceber que essas atividades trazem reflexões críticas desse cotidiano escolar, onde o professor poderá a partir da análise dos dados coletados na pesquisa, reconstruir suas ações educativas, não apenas com estudos teóricos, mas através da



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

reflexão crítica do seu próprio fazer docente, com fatos e atores reais, onde o saber docente será direcionado para a realidade social daquela comunidade escolar.

Conclusões

Consideramos que a escolha da metodologia qualitativa para as pesquisas no campo da educação podem contribuir para o processo não apenas investigativo e teórico, mas, sobretudo para um olhar crítico do docente tendo em vista, reorientar suas ações docentes. Ao utilizarmos a pesquisa etnográfica para análise do recorte que relatamos de uma aula que envolvia leitura e que tinha como objetivo a formação de leitores, podemos oportunizar um conhecimento e planejamento que atenda as perspectivas do educador e dos alunos, porém, deve-se utilizar o rigor que a ciência exige e instrumentos utilizados pelo pesquisador que vão além das observações e registros no diário de campo, onde podemos exemplificar a fotografia, a gravação em áudio e vídeo, descrições densas dos fatos ocorridos, análise de documentos, entre outras técnicas utilizadas, redirecionamento das atividades que envolvem práticas de leitura na sala de aula.

Desse modo, a abordagem da pesquisa etnográfica, no contexto escolar deve ser dialógica e flexível, possibilitando modificações no decorrer da sua realização e na busca pelas representações e opiniões coletadas com os sujeitos escolares envolvidos no processo que é coletivo, múltiplo e dinâmico. Poderemos então desvelar paisagens que se tecem no cotidiano pedagógico da escola, da sala de aula e das interações de professores e alunos e que nos ajudam a compreender o universo educacional no seu macro e micro contexto social, cultural e histórico, em que esta acontece. Esse entendimento acontece porque a pesquisa etnográfica traz, para o centro do discurso, o que ainda não está visível e dizível na cultura escolar como um todo, na sala de aula e nas interações interpessoais reveladas subjetivamente no cotidiano escolar.

Acreditamos que as pesquisas qualitativas com abordagens etnográficas é um caminho que poderá possibilitar propósitos que pretendemos alcançar na análise de problemas investigados no âmbito da educação, especificamente da prática docente. Compreender a sala de aula, numa perspectiva etnográfica é visualizar e analisar sua rotina, as relações, as tensões, e os significados que os sujeitos, que a compõem, atribuem às situações, objetos e atores do cotidiano pedagógico observado. Investigar esse contexto é ir muito além de uma simples descrição para uma



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

compreensão dos significados culturais através das falas, dos gestos, dos pensamentos expressados e comportamentos das pessoas envolvidas, descrevendo, minuciosamente, os significados culturais do grupo participante da investigação, considerando o universo cultural que também deve ser pesquisado.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, Vera Teixeira. Leitura Literária e a Escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins, BRANDÃO, Helena Maria Brina, MACHADO, Maria Zélia Versiani (org). **Escolarização da Leitura Literária**, 2. Ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 235-255.

ANDRÉ, M.E. D.A.de, **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líder Livro Editora, 2005.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Livros didáticos de Português e suas concepções de ensino e de leitura: uma retrospectiva. IN: DIAS, Luiz Francisco (org). **Texto, escrita, interpretação: ensino e pesquisa** - João Pessoa: Idéia, 2001, p. 27-48

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília. 1997.

BRITTO, Luz Percival Leme. IN: SOUZA, Renata Junqueira de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: O mediador em formação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.p.187-203.

MATTOS, C. L.G; CASTRO, P.A. **Etnografia e Educação: Conceitos e Usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

SENNA, L. A.G(2004) De Vygotsky a Morin: **Entre dois textos educação inclusiva**.In: Espaço, Ver.V 22 Rio de Janeiro:Inss :0103-768)/pp:53-58/Idioma:Por meio PDF135,5kb.

_____. **Ações de Linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.

SILVA, Ezequiel Teodoro Da. **A Produção De Leitura Na Escola**. São Paulo: Cortez,2010.

SILVA, P S; SENNA, L A G (2010).À luz do preconceito social: O fracasso escolar como conflito entre cult PEREIRA, Regina Celi M. (org). **Práticas de Leitura e Escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos**. UFPB, João Pessoa-PB, 2011.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e Interação: **Uma proposta para o ensino de gramática**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ZILBERMAN, Regina. SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura Perspectivas Interdisciplinares**, 5 ed. São Paulo: Ática, 2005.